

Poesia Brasileira no México: uma antologia de antologias

Erivelto da Rocha **Carvalho**

Doutor em Literatura
Espanhola e Hispano–Americana
pela Universidade de Salamanca,
atua como professor adjunto da
área de Literatura Espanhola e
Hispano–Americana do
Departamento de Teoria Literária e
Literaturas da Universidade de
Brasília.

eriveltodarocha@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6119-8979>

Recebido em: 15/4/2019.

Aceito para publicação em: 20/6/2019.

Resumo

Três antologias publicadas no México a partir dos anos 2000 obedecem a diferentes estratégias de leitura para apresentar a Poesia Brasileira contemporânea: uma delas é a reedição da clássica antologia de Bishop. As outras duas são: a Mata e Crespo e, por fim, a de Aguilar. O artigo examina os prólogos das antologias mencionadas e apresenta algumas observações sobre seus pressupostos críticos, no que se refere ao seu produto e a determinados problemas de recepção e intertextualidade.

Palavras-chave: Poesia Brasileira. México. Antologia. Recepção. Intertextualidade.

Abstract

Three anthologies published in Mexico from 2000s follow different reading strategies to present contemporary Brazilian Poetry: one of them is the reprint of the classic anthology Bishop. The others are: the anthology by Mata e Crespo and, finally, the last by Luis Aguilar. The article examines the prologues of the mentioned anthologies and makes some observations about its critical assumptions, both as regards the product of anthologies, as to certain problems concerning reception and intertextuality.

Keywords: *Brazilian Poetry. México. Anthology. Reception. Intertextuality.*

1. Para um estudo das relações entre as literaturas brasileiras e mexicanas contemporâneas

Como o leitor suspicaz já pôde desvendar, o título deste artigo remete ao título de um livro de Jorge Luis Borges publicado na década de 70, o *Prólogos con un prólogos de prólogos*, uma compilação de prólogos do escritor argentino prefaciada pelo próprio autor. Como grande parte de sua literatura, o título de Borges joga literariamente com o literário e no texto de abertura alerta para o fato de que não se tratava no seu caso de uma obra de caráter transcendental ou mística como poderia ser o *Cantar dos Cantares* ou o *Rei de Reis* da tradição religiosa, senão algo totalmente diverso, com a imanência própria dos textos literários. Citando também os primeiros versos de *Os Lusíadas*, remete a um sutil complexo literário para então concluir sugerindo um livro de prólogos de livros não escritos e aludindo, não sem ironia, à conveniência de evitar a paródia e à sátira neste livro imaginário feito de livros imaginários.

Para além da sofisticada e divertida introdução, no mencionado prólogo de Borges chama-se a atenção para o fato de que o prólogo é uma espécie de “crítica lateral”. Esse é o axioma fundamental que constitui essa antiteoria do prólogo, que poderia ser aplicada aos prólogos ou notas introdutórias das antologias, que buscam justificar não o exercício da “crítica lateral” ou paratextual do prólogo, mas sim esse exercício de *crítica frontal* tal qual poderia ser encarada o exercício da compilação e, sobretudo, de seleção que compõe as antologias como tais. Segundo a perspectiva aqui adotada, a “crítica lateral” exercida nos paratextos das antologias, e que as apresentam e definem como tal, em parte se confunde com a *crítica frontal*, ou seja, direta, que é a seleção ou a escolha de autores que configuram uma tradição literária ou pelo menos uma visão que se tem da mesma.

Quando se trata da circulação da literatura brasileira no México, ou melhor, das relações entre as literaturas brasileiras e mexicanas contemporâneas, estamos em um terreno que nos últimos anos vem tomando um novo impulso, ainda que ainda haja muito para ser estudado e aprofundado na área¹. Desde o início dos anos 2000 se

¹ Este artigo nasce como um dos resultados de pós-doutorado que tem como base o projeto “Relações entre as literaturas mexicanas e brasileiras contemporâneas: problemas de recepção e intertextualidade”. Para 2019, o projeto prevê a organização de um dossiê especial sobre o tema na Revista *Cerrados* do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Agradeço, desde já, à Direção e à Coordenação do Departamento de Humanidades da Universidade Ibero-Americana de Puebla, bem como aos colegas do Cuerpo Académico Estudio sobre las Culturas Literarias da Benemérita Universidade de Puebla que tornaram possível a estadia no México e a realização da pesquisa.

multiplicaram as antologias de Poesia Brasileira no México e é evidente o incremento das traduções tanto em um sentido como no outro, ou seja, tanto no tocante à literatura brasileira publicada no México quanto a mexicana publicada no Brasil. Esse fenômeno pode ser explicado tanto por motivos editoriais, por um maior interesse das editoras no processo de difusão da literatura latino-americana dentro do “continente”, mas também obedece a consolidação de determinados grupos de interesses recíprocos ou paralelos, que se expressam às vezes institucionalmente, às vezes tomando um viés acadêmico, e às vezes através de um intercâmbio estritamente criativo. Todas essas formas de cooperação se manifestam a partir de círculos estreitos que tem no terreno da tradução um campo fértil para o diálogo intelectual e literário, apesar de todos os problemas e as barreiras ainda existentes para a consolidação de um espaço crítico que epistemológica e geopoliticamente se dá num plano Sul-Sul².

Neste contexto, a operação de *crítica frontal* que significa a seleção de um pequeno cânone ainda que numa realidade em que se consolidam as posturas contracanônicas, toma uma relevância peculiar porque, obviamente, trata-se de um movimento duplo retrospectivo e prospectivo de valores que para o público leitor de chegada pode marcar a maneira como se enxerga a literatura produzida em outro país, ainda que a ideia de uma literatura nacional “pura” e claramente definida esteja sendo cada vez mais colocada em cheque. Seja como for, as antologias demarcam uma geografia literária a respeito da qual o grande público ou o leitor incauto/iniciante tem poucos parâmetros para se aproximar, e se é verdade que facilitam a abordagem de outro universo literário em princípio estranho, podem também ter o efeito inverso de dar uma imagem imprecisa ou apagada sobre aquilo que pode interessar ao público.

Partindo dessas primeiras observações, é importante destacar que as antologias aqui abordadas serão vistas a partir de dois aspectos: a) o primeiro, importante para situá-las num determinado sistema simbólico de produção e recepção de bens culturais, diz respeito à dimensão *funcional* que ocupam em um “sistema literário”, tal como preconizado por Itamar Even-Zohar (2017), entendendo que nessa perspectiva as antologias de poesia são “transportadas” por assim dizer de um sistema a outro (do sistema literário brasileiro ao mexicano), e na medida em que são incorporadas ou apropriadas na passagem de um sistema a outro não deixam de conformar um terceiro

² Entre os trabalhos que evidenciam a recepção mútua e a também importância da tradução neste contexto, não se pode deixar de mencionar os de Gustavo Sorá (2003), ainda que voltado para o contexto Brasil-Argentina; Cláudia Dias Sampaio (2017), que ao tratar da outra ponta desta relação, a da recepção da poesia mexicana no Brasil, trabalha com a ideia de “tradução divergente”; além da perspectiva geral sobre as antologias de poesia brasileira no mundo hispânico de Rosario Lázaro Igoa (2014). O estudo de Paulo Moreira (2013) dá conta de um movimento mais amplo das relações entre Brasil e México, integrando outras expressões estéticas que não somente as literárias.

sistema ou um sistema intermediário³; b) o segundo, o aspecto aqui mais importante, é que essas antologias ou seleções ao serem publicadas como traduções renovam o cânone de chegada e retroalimentam o de partida, na medida em que o processo tradutório tem como efeito este duplo movimento, que é operado a partir das relações intertextuais das peças que fazem parte das respectivas seleções, assim como na inserção no que Hans Robert Jauss (1978) definiu como “horizonte de expectativa” do texto literário. Concebem-se aqui as relações intertextuais ou a intertextualidade a partir da definição de Gerard Genette (1982)⁴.

A escolha desses três trabalhos se dá na medida em que, apesar não serem as únicas, são antologias mais acessíveis para a maioria dos leitores mexicanos, pelo menos no que se refere às antologias de Poesia Brasileira contemporânea⁵. Um exame dos paratextos das três antologias em questão revela os critérios que presidiram cada escolha, e permite levantar problemas relevantes destacadas pelos antologistas no tocante às noções de recepção e intertextualidade. O repasso em conjunto das três antologias oferece também outro ponto de vista para perceber o projeto crítico que anima cada uma e, finalmente, lança luz sobre alguns aspectos da circulação da literatura brasileira em terras mexicanas. A abordagem que se dará às três antologias se preocupará, menos com o aspecto *funcional* que elas exercem no âmbito dos sistemas literários, e mais com o fenômeno da revalorização estética propiciada pela tradução de uma antologia com suas implicações em termos de recepção externa e releitura.

2. *Una antología de la poesía brasileña* de Elizabeth Bishop

Publicada originalmente em 1972 com o título de *An anthology of twentieth-century Brazilian poetry*, a antologia de Elizabeth Bishop e Emanuel Brasil apresenta uma compilação de poemas escolhidos de 14 poetas brasileiros, que são agrupados sob o título de “poesia Brasileira do século XX”. Das três antologias a ser aqui examinadas, é aquela que tem um claro caráter de leitura pessoal de poeta que apresenta a determinado público outro grupo de poetas, apesar de Bishop não tê-la organizado

³ Aqui, proponho deslocar o conceito de Even-Zohar do plano estritamente funcional para chegar a uma ideia de sistema literário em relação à sua dimensão estética. A ideia de um sistema intermédio criado a partir de dois sistemas literários distintos foi concebida a partir das discussões com o Dr. José Sánchez Carbó da Universidade Ibero-Americana de Puebla.

⁴ Entende-se aqui as noções de “recepção” e “intertextualidade” como marcos teóricos gerais para situar o “sistema literário”, sem se constituir como camisas-de-força conceituais que dificultam a aproximação do leitor desavisado ou se colocam como cavalos de batalha para o leitor teórico/crítico hiperespecializado. “Recepção” é tomada aqui a partir das teses história da literatura de Jauss (1978, p.43), desde a ideia de um “horizonte de expectativa” (Jauss, 1978, p.43) que se estrutura como um sistema de referências sincrônico e diacrônico, simultaneamente, remontáveis desde uma peculiar “hermenêutica da pergunta e da resposta”. Quanto à “intertextualidade”, entende-se esta como ‘uma relação de co-presença entre dois ou mais textos’ (Genette, 1982, p.10), o que, por sua vez, leva à trans-textualidade tal como formulada pelo teórico francês.

⁵ Uma antologia precursora das antologias mexicanas que se examinam neste artigo é a de Miguel Ángel Flores (1994). Já no século XXI, são publicadas as antologias de Camila do Valle e Cecília Pavón (2007), Elisa Andrade Buzzo e Rodrigo Castillo (2012) e a de Luis Alberto Arellano (2014). Todas elas obedecem muito mais à lógica de “mostra” de poesia contemporânea que ao conceito clássico de antologia, aproximando-se assim da antologia de Aguilar aqui representada. Também do início dos anos 2000 é a antologia do poeta e crítico José Javier Villareal (2014) que foi publicada, no entanto, na Espanha.

sozinha. Os poetas selecionados tiveram diversos tradutores e, neste sentido, a antologia de Bishop dá conta do interesse generalizado de um círculo de poetas norte-americanos pela poesia que se produzia no Brasil, em um dado momento, a partir da ponte estabelecida pela antologista.

O prólogo assinado por Bishop e Brasil é mantido na reedição mexicana, e os poemas selecionados são traduzidos ao espanhol por Ángel Alonso e Margarito Cuéllar (poeta também), que realizam a operação de levar ao público mexicano e de língua espanhola a antologia da poeta norte-americana. Retomar uma antologia consagrada e já reeditada nos Estados Unidos é uma aposta segura numa determinada versão da história da poesia brasileira, a partir de uma leitura difícil de contestar, mas que possui também seus limites, como toda antologia. O prólogo de Bishop e Brasil está dividido em quatro seções bem definidas, que vão da imagem do poeta e da poesia no Brasil, passando pelo conceito geral da antologia em questão, um breve panorama da poesia brasileira contemporânea até chegar à seleção realizada pelos editores.

Bishop começa a apresentar a seleção com uma frase que parece promissora: “Poetas y poesía gozan de una alta consideración en Brasil.” (2009, p.9)⁶. Entretanto, essa afirmação aparentemente positiva ou otimista se desfaz quando se retrata a figura do então poeta moderno brasileiro por excelência, Manuel Bandeira. O retrato de Bandeira no início da antologia dá ideia de como a poesia no Brasil é respeitada, mas como exercício ainda de literatos e como algo ligado a uma visão meramente beletrista do trabalho literário.

O ser “poeta” é ocupação de qualquer classe de homem, e é algo situado não como valor de ofício, mas sim de um determinado tipo de status, desculpando-se assim o fato desta imagem do poeta não primar pelo feito deste ao escrever poesia ou fazer literatura de maneira efetiva. Assim termina o parágrafo começado com a frase antes citada:

Entre hombres, el “apelativo” es usado a menudo como cumplido o apelativo cariñoso, incluso para referirse a los que se dedican a los negocios o la política, y no exclusivamente a quienes lo son de verdad. Uno de los poetas brasileños más famosos del siglo XX, Manuel Bandeira, recibió como regalo una plaza de parking delante del edificio donde tenía su apartamento en Rio de Janeiro con una placa esmaltada que decía POETA, aunque nunca tuvo coche ni sabía conducir. Cuando era ya bastante anciano, Bandeira dio clases en la Universidad de Brasil, donde se jubiló mucho antes de que hubiese enseñado el número de años necesarios para conseguir la pensión. No obstante, la

⁶ “Poetas e poesia gozam de uma alta consideração no Brasil” (Tradução minha, como em todos os textos traduzidos neste artigo daqui em diante).

Cámara de los Diputados votó con una ovación unánime concederle una pensión completa. (BISHOP, 2009, p. 9).⁷

A anedota a respeito de Bandeira denota a ambiguidade que Bishop demonstrou em outras ocasiões ante o poeta brasileiro e situa a apresentação inicial que faz da dificuldade de se escrever poesia no Brasil e a prática impossibilidade de se viver disso. Até que ponto há uma necessidade de marcar diferenças e até certo sentimento de superioridade na perspectiva adotada por Bishop é incerto dizer, mas numa leitura dessa primeira seção do prólogo fica claro que os antologistas distinguem claramente o poeta moderno (ou antigo?) representado por Bandeira e o poeta-criador profissional que vive da sua produção. A tônica da seção inicial a partir do retrato de Bandeira é a de que os poetas no Brasil não vivem de poesia, que está relegada a uma posição decorativa ou secundária.

Além disso, Bishop nota delicadamente que a poesia no Brasil é “coisa de homens”, e não deixa de ser irônica sua menção ao termo “poeta” como apelativo, na medida em que no sentido figurado em que se usa no Brasil, “poeta” pode ser alguém que de poeta nada tem, ou que não tem a poesia como um ofício realmente digno de si. A dedicatória da antologia à memória de Bandeira reforça delicadamente esse gesto sutilmente irônico, marcando distância, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo a presença do maior poeta menor na base da moderna tradição da poesia brasileira.

A segunda seção apresenta sinteticamente a antologia e busca contextualizá-la historicamente. Segundo Bishop:

La poesía brasileña no puede considerarse verdaderamente brasileña, o sea, independiente de la de Portugal, hasta después de la Proclamación de la Independencia de 1822. Su evolución es más o menos previsible, desarrollada en paralelo con los movimientos de Europa Occidental, especialmente Francia, con un intervalo de diez, veinte o más años. Como ocurre con la literatura norteamericana, este intervalo se ha ido reduciendo a lo largo de los años, volviéndose cada vez más corto, hasta el presente, en el que la poesía brasileña a veces parece en realidad más avanzada que la de los países de los que en origen procede. Como en la poesía norteamericana, hay excepciones, aparentes regresiones en el

⁷ “Entre homens, o “apelativo” é usado comumente como cumprimento ou apelativo carinhoso, incluso para referir-se aos que se dedicam aos negócios ou à política, e não exclusivamente àqueles que o são de verdade. Um dos poetas brasileiros mais famosos do século XX, Manuel Bandeira, recebeu como presente uma vaga na garagem diante do edifício onde tinha seu apartamento no Rio de Janeiro com uma placa pintada em que se lia POETA, ainda que não tivesse carro nem soubesse dirigir. Quando já estava em idade bastante avançada, Bandeira deu aulas na Universidade do Brasil, onde se aposentou muito antes de que houvesse ensinado o número de anos necessários para conseguir a correspondente pensão. Não obstante, a Câmara dos Deputados votou com ovação unânime a concessão da pensão completa”.

movimiento modernista, pero casualmente no aparece ninguna en el período abarcado por este volumen (BISHOP, 2009, p.14).⁸

Afirmar que a poesia brasileira só é brasileira depois de 1822 é algo redundante, mas que cobra relevância no contexto em que Bishop escreve, pensando que sua antologia se inscreve ainda sob o peso do interesse ainda latente do discurso sobre a modernidade brasileira instalada desde a Semana de Arte Moderna de 1922. Termina por ser mais interessante, pensando na reedição mexicana, que esta apresenta ao público *hispanohablante* uma visão comparada da literatura brasileira e norte-americana, que toma como referência a literatura européia, mas que pode ser lida num processo mais amplo de comparação e circulação das ideias. Para os propósitos da reedição, pode-se pensar que não se trata somente de traduzir o Brasil ao público de chegada, mas de situá-lo num complexo mundo de trocas culturais e simbólicas.

As passagens que concluem o prólogo situam o panorama da história da Poesia Brasileira que culmina na seleção dos catorze poetas incluídos na antologia de Bishop. Há diversas imprecisões que denotam as dificuldades da poeta norte-americana em relação à história cultural brasileira, mas, para além de inúteis reparos, o importante é destacar como Bishop percebe uma espécie de núcleo duro que ela chama de “grupo” modernista, revalorizado na reedição mexicana. Neste núcleo ou grupo ela insere a quatro poetas principais (Bandeira, Oswald, Mario de Andrade e Drummond), situados como espinha dorsal da poesia brasileira do século XX, destacando paralelamente outros nomes como o de Vinícius de Moraes (“popular” e ao mesmo tempo posicionado junto à “ultrapassada” Bossa Nova) e a singularidade da expressão de João Cabral de Melo Neto, apresentado como poeta *difícil* e o de “más alto desarrollo y la mayor coherencia de estilo de entre todos los poetas brasileños” (BISHOP, 2009, p.18)⁹.

A antologia de Bishop e Brasil tem o mérito inegável de enxergar um núcleo de criação poética dentro do modernismo brasileiro, e tomando essa noção de uma forma ampla (não restrita à história da Semana de Arte Moderna de 1922), consegue fazer ver ao público uma versão coerente de uma determinada tradição poética. Talvez seja este um dos motivos que explica a sua reedição tanto nos Estados Unidos como no México,

⁸ “A poesia brasileira não pode ser considerada verdadeiramente brasileira, ou seja, independente de Portugal, até depois da Proclamação da República de 1822. Sua evolução é mais ou menos previsível, desenvolvida em paralelo com os movimentos da Europa Ocidental, especialmente a França, com um intervalo de dez, vinte ou mais anos. Como ocorre com a literatura norte-americana, este intervalo foi sendo reduzido ao longo dos anos, tornando-se cada vez mais curto, até o presente, em que a poesia brasileira as vezes parece na verdade mais avançada que a de outros países dos que em origem procede. Como na poesia norte-americana, há exceções, aparentes regressões no movimento modernista, mas casualmente não aparece nenhuma no período que este volume compreende”.

⁹ “Mais alto desenvolvimento de estilo e maior coerência de estilo entre todos os poetas brasileiros”.

na medida em que essa antologia articula de forma modelar algo que, para o público brasileiro talvez precise menos de apresentação que de detalhamento. Na sua imprecisa precisão, a antologia de Bishop se explica e se justifica como seleção que é.

3. *Alguna poesía brasileña* de Rodolfo Mata e Regina Crespo

A segunda antologia a ser aqui examinada é fruto da tradução de 26 poetas brasileiros pelos dois renomados pesquisadores da Universidade Nacional do México (UNAM), Rodolfo Mata e Regina Crespo, que possuem uma série de estudos e traduções dedicados à literatura bem como a história social e das ideias brasileiras, com um particular interesse no plano literário para o universo do Concretismo e seus desdobramentos.

Já nessa brevíssima contextualização a respeito da produção dos antologistas, é possível perceber que o trabalho de Mata e Crespo se apresenta como leitura especializada, com um eminente carácter crítico, tendo sido publicado numa coleção de uma editora universitária. Apesar disso, é relevante notar que Mata também é poeta e que publicou vários livros de poesia depois da organização de *Alguna poesía brasileña*. No prólogo da antologia, assinada individualmente, refere-se em um dado momento ao fato de que a seleção apresentada “es tan arbitraria como son las preferencias de cualquier lector de poesía” (MATA & CRESPO, 2009, p. 32).¹⁰

Essa indicação chama a atenção para o fato de que a antologia de Mata parece em determinados momentos equilibrar a dimensão do leitor “puro” de poesia, ou melhor, do poeta que lê poesia, e o aspecto que aparece com mais peso no prólogo, que é o fato de a antologia apresentada ser resultado de uma pesquisa contínua de longa data, que se consolida a través do processo de colaboração com outros pesquisadores (no caso, Regina Crespo). Por quê chamar a atenção para a busca do equilíbrio entre esses dois aspectos? Porque, ao que parece, é nela também que se referencia a estratégia de leitura que leva à seleção dos antologados em *Alguna poesía brasileña*. Leitura especializada, mas leitura também de leitor-poeta que articula uma compreensão do fenômeno criativo através da Poesia Brasileira.

Seria ocioso listar aqui todo o percurso argumentativo desenvolvido por Mata no prólogo, mas, para além de ser a mais longa e detalhada nota introdutória das três antologias analisadas que justifica a seleção realizada, é possível destacar alguns aspectos que aparecem como linhas de força no seu texto: a) a importância dada à contextualização e à compreensão ao sistema literário em que se produz e divulga a

¹⁰ “É tão arbitrária como são as preferências de qualquer leitor de poesia”.

poesia brasileira contemporânea; b) a compreensão desta desde uma perspectiva multifacetada, a partir de duas grandes linhas básicas que se subdividem em outras; c) o estabelecimento de um recorte cronológico que serve como parâmetro para organizar os autores incluídos na seleção.

Esses aspectos orientam a estratégia de leitura que justifica a antologia para além das arbitrariedades de um leitor “qualquer” de poesia. Escrevendo num momento de ampla internacionalização da produção literária brasileira, a visão de Mata do momento da poesia brasileira é positiva e até pode-se dizer que otimista, em termos gerais. A introdução do texto é clara:

Alimentada por la pasión y el entusiasmo de sus cultivadores, la poesía brasileña ha llegado vigorosa a un principio de siglo que le presenta perspectivas de renovación. En los últimos cincuenta años, su producción ha crecido y sus foros y público también lo han hecho. (...) La impresión que tengo – en un universo tan rico sólo me es posible aspirar a una impresión – es que la poesía brasileña se encuentra en un momento de valoración y revisión de los orígenes de su modernidad, el canon surgido de la Semana de Arte Moderno y los encuentros y desencuentros con los papeles fundamentales que jugaron las vanguardias como el Concretismo y los movimientos contraculturales que produjeron la llamada <<poesía marginal>> (MATA & CRESPO, 2009, p. 9–10).¹¹

Já desde este ponto inicial, Mata estrutura o prólogo no sentido de perceber os avatares das transformações do modernismo vanguardista brasileiro em suas diversas ramificações. Tem no Concretismo seu “ponto de referência” ou o momento articulador de todo o sistema, citando como data fundamental o ano de 1952 (ou seja, o ano de início da publicação da Revista *Noigandres*) e como “ponto de inflexão” a figura do poeta Régis Bovincino (1955–).

Em meio ao panorama que traça da história da Poesia Brasileira no século XX, Mata tece observações sobre algumas premissas teórico-metodológicas que orientam sua antologia. Faz também, uma espécie de “antologia de antologias” brasileiras e do mundo hispânico dedicadas à Poesia Brasileira, e retoma a sua maneira o esquema geracional proposto por Pedro Lyra na antologia *A poesia da geração 60*, de 1995, classificando os

¹¹ “Alimentada pela paixão e o entusiasmo de seus cultivadores, a poesia brasileira chegou a um princípio de século que lhe apresenta perspectivas de renovação. Nos últimos cinquenta anos, sua produção cresceu e seus fóruns e público também o fizeram. (...) A impressão que tenho – num universo tão rico só é possível para mim aspirar a uma impressão – é que a poesia brasileira se encontra num momento de avaliação e revisão das origens da sua modernidade, o cânone surgido da Semana de Arte Moderna e os encontros e desencontros com os papéis fundamentais que exerceram as vanguardas como o Concretismo e os movimentos contraculturais que produziram a chamada ‘poesia marginal’”.

poetas incluídos em sua antologia em dois grandes grupos: poetas da geração 60 e poetas da geração 80, considerando o intervalo de 20 anos como período de referência para a passagem de uma geração a outra.

A consideração do critério geracional como fundamento de uma antologia literária é uma discussão a parte, e não caberia nos limites deste artigo. Ela é importante, no entanto, para compreender as estratégias de leitura da antologia de Mata ao assinalar questões que lhe dizem respeito. Uma questão central levantada claramente nesta antologia se refere à própria importância que toma nas antologias o conceito de “tempo” como fator determinante que incide sobre o processo de organização das respectivas seleções.

Em especial, a preocupação com a cronologia, entendida não como conceito fechado, aparece como ferramenta metodológica de construção de temporalidades. Na antologia de Mata, a categoria aparece à sua maneira e tem as suas devidas implicações, tal como na justificação da classificação dos grupos ali presentes:

Los poetas aparecen ordenados de acuerdo con su fecha de nacimiento y no por su debut literario, aunque esto parezca romper el devenir de la poesía. No, la aparición de un libro en la escena poética no hace que su autor pertenezca a un período diferente, pues su formación continúa estando determinada por lo que le ha tocado vivir. Tampoco creemos que es posible hablar de cambios estilísticos o temáticos por décadas pues el entramado es complejo (MATA & CRESPO, 2009, p. 33).¹²

Sem dúvida, a antologia de Mata e Crespo é bem sucedida ao perceber a história da Poesia Brasileira em sua complexidade, isso se deixa notar claramente no seu prólogo. No entanto, a opção por fundamentar a apresentação da seleção realizada pela biografia dos autores tem como consequência inevitável colocar em segundo plano as relações entre as obras no tempo. Mesmo com essa observação, por si mesma bastante evidente, não é possível deixar de reconhecer a efetividade da antologia de Mata como obra de referência que opta conscientemente por um tipo de história literária que privilegia o percurso dos autores antes que o dos seus livros¹³, no caso, buscando organizar coerentemente um “coro” de vozes poéticas dentro de uma tradição que é múltipla.

¹² “Os poetas parecem organizados de acordo com sua data de nascimento e não por seu debut literário, ainda que isto pareça romper com o devir da poesia. Não, a aparição de um livro na cena poética não faz com que seu autor pertença a um período diferente, pois sua formação continua estando determinada pelo o que lhe tocou viver. Também não acreditamos que é possível falar de mudanças de estilo o temáticas por décadas pois o entramado é complexo”.

¹³ Mais do que uma oposição entre obras e autores, existe uma tensão na antologia de Mata entre esses dois termos. Ao sublinhar o fato de recolher poemas representativos dos diversos livros de cada poeta selecionado, os antologistas não deixam de considerar a

4. *Poesía joven de Brasil* de Luis Aguilar

A antologia publicada por Luis Aguilar, poeta e investigador da Universidade de Nuevo León, é das três antologias aqui examinadas a que, de alguma forma, se instala na tentativa de ser simultaneamente uma antologia de poeta e crítico acadêmico. Um rápido repasso pelo seu paratexto editorial (a apresentação do antologista na contracapa da edição, por exemplo, que destaca a biografia poética do antologista), bem como a própria forma com que se organiza e apresenta sua antologia permite notar essa dupla dimensão rapidamente.

Trata-se também de uma antologia que se diferencia das demais aqui examinadas por ser uma antologia bilíngue, e por apostar em algo que vai se tornando cada vez mais frequente no universo das antologias em geral, que é o fato das mesmas serem concebidas como antologias do “presente” ou de projeções deste. No caso, esse aspecto é reforçado na breve nota introdutória que apresenta as premissas das quais parte a antologia de Aguilar:

La presente antología de la poesía joven de Brasil recoge piezas significativas de veintiséis poetas y busca presentar el lector un reflejo del concierto polifónico que, de suyo, es la poesía del gigante de Sudamérica.

Seleccionar a los poetas para una antología es siempre una complicación, y más aún si el ojo revisor pretende tomar distancia del canon. Pensar en la tradición poética de Brasil resulta sencillo a la hora de considerar a Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecilia Meireles o, más acá, a los hermanos Augusto y Haroldo de Campos; a Guimarães Rosa, Ferreira Gullar, Adélia Prado o Lêdo Ivo.

Pero pensar una antología fuera del canon, donde la apuesta no es la estabilidad sino el riesgo, no el pasado sino el futuro, resulta doblemente complicado; sobre todo porque con frecuencia no se asientan con claridad las condicionantes que determinan las inclusiones (AGUILAR, 2014, p.9).¹⁴

importância do percurso da trajetória da obra literária dos poetas antologados. De qualquer maneira, e assim como nas demais antologias aqui examinadas, a de Mata segue a perspectiva de pensar a biografia literária como referência de peso, ainda que não a única, para sua seleção.

¹⁴ “A presente antologia de poesia joven recolhe peças significativas de vinte e seis poetas e procura apresentar ao leitor um reflexo do concerto polifônico que, de por si, é a poesia do gigante da América do Sul.

Ainda que considerando os poetas antologados como poetas do “futuro”, o certo é que a concepção deste como valor se estabelece desde a conjuntura presente da publicação da antologia. Publicada no mesmo ano que a reedição mexicana da antologia de Bishop, e poucos anos depois da antologia de Mata, a de Aguilar aposta por nomes ainda não consagrados e, em certa medida, considera o panorama do século XX da poesia brasileira como algo esgotado ou pelo menos já conhecido. Trata-se, neste caso, de uma antologia que se quer contracanônica (como deixa explícita a passagem inicial acima) e que tem como referência a Poesia Brasileira escrita no século XXI.

De certa forma, a antologia de Aguilar se constitui desde onde termina a antologia de Mata e, de certa forma, a de Bishop também. Num aspecto, no entanto, ela coaduna com as antologias antes examinadas, e isso se deixa ver na apresentação sintética dos critérios que orientam sua seleção. Entre eles, estão:

la edad, considerando jóvenes hasta el momento del arranque del proyecto a todos los poetas menores de cuarenta años; el haber obtenido al menos un reconocimiento público; y tener en su haber, cuando menos, dos libros publicados con ISBN; y por la razón obvia, que no se tratase de ediciones de autor. (AGUILAR, 2014, p.9).¹⁵

Sem entrar na questão da maior ou menor obviedade ou validade de se erigir aspectos institucionais ou editoriais (prêmios recebidos, livros publicados desde a indústria editorial) como balizas seguras no particular universo da edição no Brasil, é importante salientar que, ainda que de forma diversa, o corte cronológico continua sendo a marca fundamental que define as antologias de Poesia Brasileira, ou pelo menos aquelas publicadas no México nos últimos anos. Isso talvez diga respeito não só as estratégias de leitura adotadas pelos antologistas e editores, mas também à própria tradição filológica mexicana e às expectativas do público do país latino-americano quanto ao Brasil.

Selecionar os poetas para uma antologia é sempre uma complicação, e ainda mais se o olho revisor pretende tomar distância do cânone. Pensar na tradição poética do Brasil mostra-se fácil à hora de considerar Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles ou, mais para cá, aos irmãos Augusto e Haroldo de Campos; a Guimarães Rosa, Ferreira Gullar, Adélia Prado ou Lêdo Ivo.

Mas, pensar uma antologia fora do cânone, onde a aposta não é a estabilidade e sim o risco, não o passado e sim o futuro, acaba sendo duplamente complicado; sobretudo porque com frequência não se estabelecem com clareza as condições que determinam as inclusões”.

¹⁵ “A idade, considerando-se jovens até o momento de partida do projeto a todos os poetas menores de quarenta anos; o ter obtido ao menos um reconhecimento público; e ter em seu nome, ao menos, dois livros publicados com ISBN; e pela razão óbvia, que não se tratasse de edições de autor”.

Antologias que primam pelo viés cronológico privilegiam, logicamente, a ordem do tempo e da caracterização dos períodos com marcos temporais cujos motivos nem sempre estão bem claros para o público leitor, ainda mais em se tratando de literatura originada em outro país, com outra cultura poética e outra língua. Funcionam muito bem como textos de orientação e referência, mas deixam em segundo plano aquilo que não encaixa bem no esquema explicativo adotado. Esta é uma condição que diz bastante a respeito dos limites das antologias de maneira geral, e cabe bem na condição que Aguilar reconhece ao afirmar que em sua antologia, obviamente, “no están todos los que son ni son todos los que están” (AGUILAR, 2014, p.11).¹⁶

Apesar dessas observações sobre a questão cronológica, a antologia de Aguilar se diferencia ao colocar a ênfase também num certo valor indeterminado que joga com as expectativas leitoras: o fato de ser uma antologia de “poesia jovem”. Há de se notar aqui o paralelo desta iniciativa com aquela em voga a partir de revistas como *Granta*, ancladas numa visão que parte do mundo anglo-saxônico e que ao internacionalizar-se vai anexando novas coleções de números dedicados a escritores “jovens” de diferentes rincões do globo. Os resultados de iniciativas deste tipo dão ensejo a valorações diversas, na medida em que é bastante evidente que a idade, por si só, é um critério volúvel para se considerar como definidor de um determinado “corte” epistemológico (o que tampouco o invalida de entrada como critério, é claro).

5. Últimas considerações

As antologias aqui examinadas tratam cada uma de um período da produção poética no Brasil contemporâneo e tem desde o princípio alguns pontos em comum em suas estratégias de leitura: consideram o modernismo um marco relevante para avaliar a Poesia Brasileira contemporânea (uma referência seja para reiterá-la, seja para superá-la, como no caso da antologia de Aguilar); adotam, de diferentes formas, a cronologia como instrumental na hora de organizar e classificar a seleção apresentada; e situam-se desde uma geografia literária onde ainda predominam autores radicados ou nascidos, em sua maioria, no Sudeste brasileiro¹⁷.

Em termos de recepção e intertextualidade, noções que orientam este trabalho, as três antologias estabelecem um rico diálogo de textos acerca de uma tradição literária,

¹⁶ “Não estão todos o que são, nem são todos os que estão”.

¹⁷ Incluo em anexo a relação total dos poetas antologados nos três trabalhos, divididos segundo a publicação e ordem geral cronológica das antologias, com os poetas de cada grupo em ordem alfabética.

mesmo que de forma não proposital. As três lançam olhares díspares que se complementam se pensarmos a recepção, em longo prazo, do que se entende como Poesia Brasileira contemporânea. Apresentar a “ruptura” de uma nova geração de poetas “nascida” no século XXI não é motivo para desconhecer as relações das novas gerações posteriores ao modernismo com este. Da superação à negação, ou vice-versa, há um caminho de reflexão profunda sobre uma tradição reconhecida como tal.

Os textos que conformam as antologias estabelecem relações entre si e as próprias antologias, como já dito antes, podem ser vistas operando em relação recíproca. O público que as acessa (seja o mexicano ou o da crítica brasileira, aqui as especificidades dos sistemas literários já não contam tanto), pode observar a sobreposição de gerações e poéticas que se colocam como referências múltiplas para pensar um determinado espaço literário. São antologias distintas, com cortes cronológicos distintos, mas que possibilitam pensar num complexo de relações que ultrapassa no mínimo três gerações (chegando a 4 ou mais dependendo da consideração do leitor) e poéticas distintas.

Alguns aspectos relevantes, que aqui serão somente sugeridos, podem servir para um estudo mais aprofundado da Poesia Brasileira a partir desta antologia de antologias: a questão das ausências (algumas anunciadas nas notas introdutórias, como a de Glauco Mattoso na antologia de Mata); a ambígua situação da poesia musicada ou popular nelas, às vezes conscientemente excluída como em Aguilar, às vezes reconhecida parcialmente (como em Mata, que sublinha a presença de 7 letristas na sua seleção, mesmo tomando a canção como uma atividade paralela), às vezes colocada como exercício extemporâneo (como no caso da relação de Vinícius de Moraes com a Bossa Nova, por exemplo, em Bishop); e a questão também do que poderíamos chamar de “vazios” historiográficos ou aspectos que chamam a atenção no que se refere às percepções críticas e historiográficas sobre a Poesia Brasileira nos séculos XX e XXI.

Sobre este último aspecto, é interessante notar como movimentos como os da Geração de 45 e da Poesia Marginal, ou mesmo o papel de poetas singulares que poderiam ser situados como contracanônicos dentro da tradição central do modernismo (pode-se citar a Murilo Mendes, Jorge de Lima e João Cabral de Melo Neto como exemplos), são pontos que aparecem como problemáticos nesta particular historiografia da Poesia Brasileira, e que dificultam um discurso pacífico e retilíneo sobre esta tradição poética. São clarões ou buracos negros que estão por ser integrados de forma orgânica a uma reflexão sistemática sobre a recepção da Poesia Brasileira contemporânea, dada as relações intertextuais complexas que se estabelecem entre as diversas poéticas e grupos mais ou menos afins, no seio desta.

Por fim, outra possibilidade de leitura que pode sugerir esta antologia de antologias é a do trabalho de perceber as afinidades e rechaços entre os grupos configurados em

cada antologia de época. Uma leitura verticalizada poderia pensar a tradição da Poesia Brasileira ao longo dos últimos 120 anos, tomando tanto a relação entre as distintas poéticas quanto o corte geracional como motor de organização de outra seleção. Isso fica, porém, como matéria crítica para possível reflexão em outra antologia, o que não é aqui o caso¹⁸.

De todas maneiras, as três antologias editadas no México aqui examinadas oferecem soluções variadas para o enfrentamento da tradição poética brasileira, e colocam em circulação três versões distintas, em certos pontos coincidentes, a respeito de como ler a Poesia Brasileira desde “fora” do país (um “fora” que vê muitas vezes o universo literário lusófono como próximo e paradoxalmente estranho)¹⁹. Fazem as três antologias, a necessária “crítica frontal” que esboça o rosto de Poesia Brasileira contemporânea no exterior, tal como indicado na “crítica lateral” dos seus respectivos prólogos de apresentação.

Referências

- AGUILAR, Luis (Org.). *Qué será de ti?/ Como vai você? Poesía joven de Brasil*. Madrid/Monterrey, Vaso Roto/UNL, 2014.
- ANDRADE BUZZO, Elisa & CASTILLO, Rodrigo (Orgs.). *Poesia contemporânea do Brasil e do México. Radial. Poesía contemporánea de Brasil y México*. México: Cielo Abierto/Conaculta, 2012. Ed. bilíngue.
- ARELLANO, Luis Alberto (Org.). *Versiones acústicas. Muestra de poesía mexicana/Versões acústicas. Mostra de poesia mexicana*. Jalisco: Mantis, 2014. Trad. Paulo Ferraz.
- BISHOP, Elizabeth. (Org.) *Una antología de la poesía brasileña*. México, Vaso Roto, 2009.
- BISHOP, Elizabeth & BRASIL, Emanuel (Orgs.). *An Anthology of Twentieth-Century Brazilian Poetry*. Middletown: Wesleyan University, 1972.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polisistemas de cultura (un libro electrónico provisorio)*. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2017. Disponível em: http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf. Acesso em: 24 ago. 2018.

¹⁸ Abandona-se aqui a proposta do prólogo borgeano que serve como mote no título do artigo, que fica apenas como ideia para outra antologia não realizada, formada desta vez não por prólogos de livros nunca escritos, mas por uma seleção ampliada de poetas já antologados (e, quem sabe, de não antologados também).

¹⁹ A respeito deste aspecto em específico, vide os artigos de Ieda Magri (2016) e Cláudia Dias Sampaio (2016).

- FLORES, Miguel Ángel (Org.). *Más que carnaval: Antología de poetas brasileños*. México: Aldus, 1994.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestes: La littérature au second degré*. Paris: Editions Du Seuil, 1982.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Editions Gallimard, 1978.
- LÁZARO IGOA, Rosario. El universo de las antologías de la poesía brasileña en traducción al castellano. *1611*, Barcelona, n. 8, 2014. Disponível em: <<http://www.traduccionliteraria.org/1611/art/lazaro.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- MAGRI, Ieda. Não trabalhamos com mortos: literatura brasileira contemporânea na América Latina. *Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos*, México, n.63, 2016. p.157-176.
- MATA, Rodolfo & CRESPO, Regina (Orgs.). *Alguna poesía brasileña. Antología (1963-2007)*. México: UNAM, 2009.
- MOREIRA, Paulo. *Literary and Cultural Relations Between Brazil and Mexico: Deep Undercurrents*. New York: Palgrave Macmillan US, 2013.
- SAMPAIO, Cláudia Dias. Observações sobre a tradução e a recepção da poesia do Brasil no México. *eLyra*, Porto, n. 9, 2017. p. 177-198.
- _____. Fronteras y desplazamientos de la poesía contemporánea en Brasil y en México. *Periódico de Poesía*, México, n.90, 2016. p.1-9.
- SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil. Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.
- VALLE, Camila do & PAVÓN, Cecília (Orgs.). *Caos portátil. Poesía contemporánea del Brasil*. México: Conaculta/Fonca, 2007.
- VILLAREAL, José Javier (Org.). *Antología de la poesía del siglo XX en Brasil*. Madrid: Visor/UANL, 2012.

ANEXO

(Lista geral de poetas em três grupos, segundo cada antologia)

Carlos Drummond de Andrade · Cassiano Ricardo · Cecília Meireles · Ferreira Gullar · João Cabral de Melo Neto · Joaquim Cardozo · Jorge de Lima · Manuel Bandeira · Marcos Konder Reis · Mário de Andrade · Mauro Mota · Murilo Mendes · Oswald de Andrade · Vinícius de Moraes

Adélia Prado – Alice Ruiz – Antonio Cícero – Ana Cristina César – Arnaldo Antunes – Cacaso (Antônio Carlos de Brito) – Carlito Azevedo – Cláudia Roquette–Pinto – Cláudio Daniel – Duda Machado – Eucanaã Ferraz – Francisco Alvim – Frederico Barbosa – Maria Lúcia dal Farra – Orides Fontela – João Bandeira – Josely Vianna Baptista – Nelson Ascher – Paulo Henriques Britto – Paulo Leminski – Régis Bovincino – Ricardo Aleixo – Roberto Piva – Sebastião Uchoa Leite.

Ana Elisa Ribeiro · Ana Rüsche · Andréa Catrópa · Anita Costa Malufe · Bruna Beber · Dirceu Vila · Elisa Andrade Buzzo · Eduardo Sterzi · Fabiano Calixto · Fábio Aristimunho Vargas · Fabricio Carpinejar · Fabricio Corsaletti · Leonardo Gandolfi · Marcello Sorrentino · Márcio–André · Mariana Ianelli · Marília Garcia · Matias Mariani · Pádua Fernandes · Paulo Ferraz · Prisca Agustoni · Renan Nuernberger · Ricardo Rizzo · Sergio Cohn · Tarso de Melo · Thiago Ponce de Moraes